

Energia, ambiente, tecnologia – Tensões e desencontros entre as metas da ciência e as do homem comum

José de Souza Martins

(Depto. De Sociologia – FFLCH/USP)

A sociologia (e também a antropologia) tem uma longa história de trato dos desencontros entre a inovação científica e tecnológica e os modos de pensar e de viver do homem comum, embora seja ele, de algum modo o beneficiário direto ou indireto de descobertas e invenções. Entre nós, os casos já conhecidos da Revolta da Vacina e antes dela do sepultamento em cemitérios e não em igrejas provocaram formas radicais de comportamento coletivo antagônico, embora nos dois casos fossem medidas de saúde pública da maior importância.

Cientistas tem tratado como ignorância o conhecimento de senso comum e sua importância na vida cotidiana das sociedades. Ignoram o quanto descobertas e inovações tem se tornado monopólio de poder e comércio, tornando-se inacessíveis à maioria da população, o que faz do senso comum um legítimo conhecimento alternativo. O grande problema da ciência e da tecnologia é o do entupimento dos canais de comunicação, difusão e aplicação do conhecimento erudito. À sociologia e à antropologia abre-se o terreno intermediário entre a ciência e o senso comum, como terreno de pesquisa e indagação. Nesse sentido, seria outro equívoco imaginar que a sociologia deveria tomar o partido da ciência contra o senso comum. Cabe aos sociólogos considerar não só as razões dos cientistas, mas também as razões do homem comum para situarem-se em campos muitas vezes opostos ou mesmo em campos convergentes com base em suposições ingênuas, tanto do lado de um quanto de outro.

Há contradições que pedem compreensão sociológica. No país da Hidrelétrica de Itaipu a energia chega a multidões através de gambiarras; no país da Amazônia, as populações urbanas consideram a mata mata, isto é, lixo e erva daninha; no país mais industrializado da América Latina, a inovação tecnológica chega aos trabalhadores como desemprego.